

Os seres acefálicos e suas memórias de outro tempo

The acephalic beings and their memories from another time

Vanessa Rocha de Souza¹
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

A cabeça como símbolo de razão e autoridade, emissora de um discurso centralizado deve, a partir dessa linha, ser arrancada. Assim, o que projeta um mundo e um pensamento adiante é o corpo que, em relação com o movimento da vida, se lança ao imprevisível e reconfigura suas memórias fora do tempo linear. Sem se conformar a uma representação e identidade, surgem algumas figuras: os seres acefálicos.

São seres sem uma identificação que os localize vinculados a um pertencimento que não seja eles próprios. E acefálicos por não nutrirem um desejo de confundir-se com o discurso histórico autoritário, suas oficialidades e burocracias. Os seres acefálicos são, portanto, esses que preferem deslocar-se em outros sentidos de vida, que se estabelecem em estreita relação com a terra. A partir de sua singularidade, parecem anunciar a “comunidade que vem” proposta por Agamben em 1990.

Nessa comunidade, o ser que vem não se vincula a um sentido anterior de origem, que não sua própria pertença e não projeta uma linha em direção ao futuro. Instaura pela sua presença uma passagem que torna possível que o ser seja “tal qual é”, mas também um “entre” que o coloca como uma superfície de contato temporária e em constante alteração diante de outros seres.

A partir dessa ideia, trago três desdobramentos possíveis dos seres acefálicos. São eles os ciganos, os amantes e os ébrios que comparecem não somente como uma força com/contra a ordem, mas também apontam para um tempo interior e anacrônico.

Antes de prosseguir, é importante saber que apesar dessas três possibilidades elencadas, os seres acefálicos são também muitos outros, o que nos termos de Giorgio Agamben (2013) apareceria como “um ser qualquer”. De acordo com o filósofo: “O Qualquer que está aqui em questão não toma, de fato, a singularidade na sua indiferença em relação a uma propriedade comum (a um conceito, por exemplo: o ser vermelho, francês, muçulmano), mas apenas no seu ser tal qual é. (...) Nesta, o ser-qual é recuperado

¹ Mestre em Memória Social no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: rochasvanessa@gmail.com.
Qorpus 30 jul/out 2019 ISSN 2237-0617

do seu ter esta ou aquela propriedade, que identifica o seu pertencimento a este ou aquele conjunto, a esta ou aquela classe (os vermelhos, os franceses, os muçulmanos) – e recuperado não para uma outra classe ou para a simples ausência genérica de todo pertencimento, mas para o seu ser-tal, para o próprio pertencimento.” (AGAMBEN, 2013. p.9)

Não há nesse sentido um tempo anterior original, fundador de uma comunidade. Instaure-se uma presença que torna possível que o ser seja “tal qual é”, mas também um “entre” que o dispõe a um contato temporário e em constante alteração dada sua fricção com o mundo. Assim, quando falo dos amantes, ébrios e ciganos digo que estes comparecem não em um sentido fusional, mas como pequenas singularidades que lançam uma “comunidade que vem”.

Os seres acefálicos apresentam-se ao mundo como uma emergência para irromper a linearidade do progresso no que toca a sua singularidade. Eles existem há séculos e sempre estiveram à margem, colocando em questão a cartografia, as leis, os hábitos, entre outras coisas. Sua existência é a própria destruição do raciocínio histórico quando não reivindicam um lugar de poder, um domínio, mas o esvaziamento desse lugar.

A escolha pelo não pertencimento deliberado implica em deixar o centro do poder vazio para que ele seja espaço de ressignificação constante e que possa deslocar a noção de “imposição” para a de “exposição”. Pois, enquanto as normas e a ordem operam na lógica da imposição, os seres acefálicos são uma constante exposição que dá a ver a partilha da existência.

Dessa maneira, a comunidade proposta por Agamben (2013) comparece nos seres que se apropriam de seu pertencimento, tornando-os um “ser-na-linguagem” que se expõe como uma presença inassimilável ao Estado. Os ciganos, por exemplo, sempre friccionaram com a noção de pátria, pois eles não seguem regras, não compartilham o ideal nacional e, por isso, são mistificados com atributos negativos. Se houvesse a possibilidade de traçar um percurso que remontasse um caminho até o seu aparecimento, essa história seria fora da noção de verdade, fora da demarcação de um país, fora de uma língua. Inscrevem, portanto, outra memória, que se refaz todo o tempo nas mentiras que contam aos outros enquanto cochicham em dialetos.

Os ciganos parecem entender que a história não se escreve pelo dito, mas sim pelo que não está dito. Não por acaso, eles nunca se organizam a partir da noção de verdade, mas utilizam o artifício da mentira e da ficção para escaparem da captura histórica. Outro modo de inscrever esse tempo interior é pelo uso de uma língua que não comunica.

De acordo com Agamben (2015), os ciganos, no século XV, em um período de guerras e desordens formam bandos e falam entre si uma língua secreta, “argot”. Porém, o filósofo aponta que “argot” não se configura exatamente como uma língua, mas sim uma gíria, o que colocaria os ciganos não como um povo, “mas os últimos descendentes de uma classe de foras da lei de uma outra época” (AGAMBEN, 2015, p.64).

Assim, a existência cigana é em si mesma anacrônica e fora dos padrões classificáveis da história. Sua origem é incerta e singular, enquanto sua língua e memória são inacessíveis por serem reinventadas a cada segundo. Está sempre porvir.

No seu pertencimento próprio, os seres acefálicos são também o que Jean-Luc Nancy (2006) chamou de “ser singular plural”. A presença singular torna-se a força destruidora da noção fusional de unidade e evidencia um “nós” que aparece sem sentido. Dessa forma, os seres acefálicos expõem que o sentido do mundo é irrepresentável e acontece nos seres mesmo, não fora deles. É na sua participação e circulação que, de forma acidental, criam-se mundos. De acordo com Jean-Luc Nancy (NANCY, 2006, p.30), essa existência implica diretamente em como compreendemos o tempo da história, pois diante da sociedade organizada como uma massa uniforme, eles se movimentam ao lado, como singularidades que geram outra memória.

O “ser singular plural” dos seres acefálicos os torna contemporâneos de qualquer tempo. Eles ressignificam a história “de lugar para lugar e de momento a momento, sem progressão, sem linearidade, pouco a pouco e caso a caso, por essência acidental, singular e plural desde o começo” (NANCY, 2006, p.10). Estabelecem uma passagem entre seres, cuja distância não tem continuidade, mas contiguidade.

Esse instante raro e de suspensão é também produzido pela existência dos amantes. A dimensão amorosa e ilegítima os coloca como pontos de ruptura da ordem social. O tilintar desses corpos produz um tempo para o desejo que renuncia a lei e a instituição. Não são amantes somente aqueles que compartilham o sexo, a carne, mas todos os que se lançam uns aos outros. É nessa cumplicidade momentânea que surge o desautorizado e infame, dando lugar ao que Maurice Blanchot (2013) chamou de comunidade eletiva – ou dos amantes. Em contraponto à comunidade tradicional, ela só acontece “por uma decisão que reúne seus membros em torno de uma escolha sem a qual ela não poderia ter tido lugar” (BLANCHOT, 2013, p.65).

Os amantes enquanto seres acefálicos não reproduzem comportamentos impostos, mas provocam em seu gesto uma existência arriscada que não permite e nem deseja a tradição e a aprovação alheia. A impossibilidade de apreensão desse corpo que está livre e

se expõe é que o torna acefálico. De acordo com Blanchot (2013): “A comunidade dos amantes – quer estes a queiram ou não, quer gozem dela ou não, quer estejam ligados pelo acaso, “o amor louco”, a paixão da morte (Kleist) – tem por fim essencial a destruição da sociedade. (...) neles se constitui uma máquina de guerra ou, para melhor dizer, uma possibilidade de desastre que porta em si, mesmo que seja em dose infinitesimal, a ameaça da aniquilação universal” (BLANCHOT, 2013, p.67).

Essa comunidade que formam não tem um fim, é sempre um por fazer, mas para nada. A razão de sua existência é a exposição de um ao outro. Essa singularidade inominável que é potência nos seres acefálicos é continuamente obliterada pelos patrimônios e instituições. Tentam todo o tempo fundi-los a uma memória limitada e inibida, sob uma noção de comum falseada. Essa ilusão é criada por meio da violência da lei, da regra e da ordem social.

Diante disso, os amantes compõem essa comunidade que é inoperada, pois não produz obra (nem filhos, nem família, nem casa). A solidão fulminante dos amantes é a memória que não se fixa, mas que está latente a qualquer tempo, sem representar nada.

Como escreveu Georges Bataille (1971) em “Madame Edwarda”: “Minha angústia, finalmente, é soberana absoluta. Minha soberania morta está na rua. Não-apreensível – a seu redor um silêncio de túmulo – escondida à espera do terror – e, no entanto, sua tristeza zomba de tudo” (BATAILLE, 1971, p.79). No tempo dos amantes, apesar do fim iminente, eles riem de tudo que está endurecido pela palavra da história. Em sua liberdade, o corpo não repete as marcas dos dogmas, a vergonha do sexo.

A nudez dos amantes se apoia em um momento sem a memória dos pecados condenados por Deus e seus julgamentos. Não há limites para estes que colocam seu desejo à frente da propriedade e do matrimônio.

Nesse sentido, os seres acefálicos dão os primeiros passos em direção à cidade do homem nu, pensada pelo engenheiro e artista Flávio de Carvalho (2015), em 1930, posto que essa cidade inopera o ciclo cristão e a repetição do passado como tradição. Como escreveu Flávio de Carvalho: “Nos dias de hoje a fadiga é manifesta, o homem, máquina do classicismo moldado pela repetição contínua nos feitos seculares do cristianismo, não mais pode aturar a monotonia dessa rotina. Ele perecerá asfíxiado na seleção lógica, pelo mais eficiente, pelo homem natural. A fadiga o ataca, ele precisa despir-se, apresentar-se nu, sem tabus escolásticos, livre para o raciocínio e para o pensamento” (CARVALHO, 2015. p. 35).

O ser acefálico é também um homem nu, pois “a sua índole repele o passado por que no passado nada viu senão a repetição dos dogmas inconvenientes. Ele deseja saltar fora do círculo, (...) procurar o mecanismo de pensamento que não entrave o seu desejo de penetrar o desconhecido” (CARVALHO, 2015. p. 36). A cidade inteira é a casa desse homem. E se há alguma religião, ela estará localizada como uma forma de erotismo (CARVALHO, 2015. p. 40). Nesse sentido, Madame Edwarda – e todos os amantes – comparecem e anunciam a “comunidade que vem” de um “ser qualquer” e nu quando apresenta seu sexo como Deus.

O corpo se torna o mais importante meio para acessar o mundo e reconhece um deus em si mesmo, como vemos no seguinte trecho de Bataille: “Uma voz, mais que humana, arrancou-me do meu embrutecimento. A voz de Madame Edwarda, tal como seu corpo, era obscena: – Você quer ver meus trapos? dizia. Com as duas mãos crispadas na beirada da mesa, virei-me para ela. Estava sentada, uma das pernas levantada, coxas afastadas: para abrir a fenda mais ainda, ela puxava a pele dos dois lados, com as mãos. Assim, os “trapos” de Edwarda olhavam para mim, peludos e rosados, cheios de vida como um polvo repugnante. Balbuciei docemente: – Por que está fazendo isso? – Veja, disse ela, eu sou DEUS...” (BATAILLE, 1971, p.82).

Edwarda realoca a concepção de divino no que há de mais terreno no seu corpo, o sexo. Sob a perspectiva cristã está cometendo o pecado da luxúria. Fundamentado pela busca do céu e da eternidade, o Deus cristão e suas ambiguidades reduz a vida do corpo a uma constante penitência e negação do desejo. Por isso, na cidade do homem nu e na comunidade dos amantes não há espaço para o arrependimento, mas de forma contrária, abraçam tudo aquilo que vem dessa carne desejante. Acolhem a nudez e devolvem ao homem sua “corporeidade nua” que foi vestida pela graça divina à força (AGAMBEN, 2015, p.77).

Giorgio Agamben (2015) discute a dimensão inapreensível e instável da nudez, como sendo sempre um gesto que nunca se finda de pôr-se a nu. Esse acontecimento seria anacrônico e restauraria um acesso ao próprio corpo que foi forjado sob o pecado pela teologia cristã. É somente nesse outro tempo que se pode viver para o pensamento.

O homem nu é esta corporeidade lançada ao mundo, que se desvincula da nudez instaurada pelo pecado. Essa presença é livre e indócil, isto é, escolhe sua impotência

“poder não fazer”². De acordo com Davi Pessoa, professor de língua e literatura italiana na UERJ e tradutor do livro “Nudez” de Giorgio Agamben no Brasil, “a potência, na inoperosidade, não está desativada: a inoperosidade coincide, portanto, com a própria festividade, com o ‘fazer a festa’, ou seja, com o consumir, desativar e tornar inoperosos os gestos, as ações e as obras humanas” (PESSOA, 2014). Nesse sentido, a inoperosidade se desvincula do passado histórico e “faz as partes inutilizáveis do corpo glorioso dançarem” (PESSOA, 2014).

Esse movimento do corpo liberto, desprendido de suas couraças e de sua veste divina evoca outra imagem: os ébrios. O bêbado é aquele que se dobra, arrota, festeja, vomita, cospe e cai. Provoca diretamente a moral e os bons costumes da burguesia e, em sua embriaguez, tornam-se do mundo. Chegam ao esquecimento do nome, endereço e família. São seres acefálicos em sua máxima impotência – escolhem não fazer –, posto que se desidentificam consigo mesmo, rompendo com a linearidade do tempo histórico ao provocar uma suspensão nas regras e normas.

Os ébrios liberam seus corpos para gestos sem finalidade. Geralmente os ambientes que circulam são propícios à música e a dança, inscrevendo um tempo que não nega a dimensão trágica da vida cotidiana, mas que se move na força dionisíaca. Os seres acefálicos são, portanto, aqueles que evocam a presença de um deus em si mesmo, um deus que dança, o único possível para Zaratustra (NIETZSCHE, 2018, pp. 39-40) e desafiam o espírito da gravidade.

O Deus histórico gerador de um tempo linear é declarado morto e morre um pouco mais a cada vez que a comunidade acefálica comparece. Os ébrios, os amantes, os ciganos são estes que saltam para fora do círculo da repetição e penetram o desconhecido. Para os que dançam com Dionísio, a vergonha não é o corpo nu, mas somente toda vestimenta. Descolam-se dos limites que demarcam os territórios, aniquilam os padrões e recordam um futuro que ninguém viu – lá onde o homem será nu³ e depois será superado⁴.

² “Impotência” não significa aqui somente a ausência de potência, não poder fazer, mas também e sobretudo “poder não fazer”, poder não exercitar a potência própria. Cf, AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim: notas sobre política*. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 57.

³ Na cidade do homem nu, Flávio de Carvalho propõe que o homem nu não bloqueia seu desejo de avançar ao desconhecido e que pesquisa sua alma nua para conhecer a si mesmo. Se apresenta nu, sem tabus escolásticos, livre para o raciocínio e para o pensamento. CARVALHO, Flávio de. Uma tese curiosa. In: Flávio de Carvalho (Encontros). Org. Ana Maria Maia & Renato Rezende. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015, p. 34-41.

⁴ Zaratustra ensina aos homens o super-homem (*übermensch*).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.

_____. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BATAILLE, Georges. *História do olho (seguido de Madame Edwarda e O morto)*. Tradução: Glória Correia Ramos. São Paulo: Editora Escrita, 1981.

CARVALHO, Flávio de. Uma tese curiosa. In: *Flávio de Carvalho (Encontros)*. Org. Ana Maria Maia & Renato Rezende. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015.

NANCY, Jean-Luc. *Ser singular plural*. Espanha: Editora Arena, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

PESSOA, Davi. (Entrevista). In: Pluricom – Comunicação Integrada (site).

Disponível em: <<http://www.pluricom.com.br/clientes/grupo-editorial-autentica/noticias/2014/12/giorgio-agamben-desnuda-literalmente-o-homem-contemporaneo>> 2014.